

Pobre Parque Villa-Lobos

Gilberto Dupas

Começou como quase tudo neste país. No início, era apenas uma preciosa e enorme área livre em bairro nobre de São Paulo, mais da metade do Parque Ibirapuera, última reserva passível de ser transformada em magnífica área arborizada para o lazer oxigenado desta emparedada quarta metrópole do mundo.

A propriedade era enrolada, envolvia particulares e empresas públicas. Primeiro, falou-se de pressões para a mudança da Lei de Zoneamento. Muito valorizada pelos bairros mais novos da City, a liberação seria uma festa imobiliária. Por um desses acasos, um governador em fim de mandato resolveu desapropriá-la para um parque. Dizem que ajudou a proximidade de um projeto de edifícios residenciais de alto padrão. As más línguas deitaram e rolaram, divertidas com algumas coincidências. Bem ou mal, uma conquista de tirar o chapéu. Viabilizar um parque maravilhoso, mesmo que por eventuais linhas tortas, merecia aplausos mil. Claro que as indenizações viraram precatórios, com juros sobre juros. Não importa; há precatórios menos dignos.

Veio o concurso para o projeto. O resultado foi complicado: bem-intencionado, mas cheio de concreto, torres estranhas e área para música ao vivo. Os empreiteiros adoraram. Já o povo, coitado, este só queria alamedas de árvores, caminhos de cascalho, pequenos playgrounds para as crianças, gramados para um bate-bola, sanitários, bebedouros decentes e um ou outro quiosque. E muito verde, sombra, bancos de madeira e sossego. Essas coisas são baratas, não têm graça na hora da concorrência.

Mas, vá lá. Teríamos um parque. As árvores, que não eram tantas, acabariam crescendo. Um ou outro pequeno espetáculo de boa música no parque, homenagem a Villa-Lobos em dias especiais, com



Inacabado e concretado, o Parque Villa-Lobos está se transformando no mais novo centro de picaretagens de todos os tipos

horários e som controlados não iria matar ninguém. Os estacionamentos só dariam conta de pouca gente. Mas, com critério e muito controle, tudo bem.

As obras começaram. Concorrência vencida por grande construtora; muito caminhão de concreto. Enormes áreas cimentadas e torre alta subindo. De repente, num desses intervalos entre ciclos governamentais, tudo pára. A empreiteira vai embora e deixa atrás concreto. Acabou-se a verba. O que seria mais que suficiente para arborizar e ajardinar todo um Central Park foi gasto para tapar terra fértil com cimento e pedra. Pronto, lá estava mais uma vez uma dessas coisas inacabadas, fruto do descaso com que política e tecnocracia tratam o pobre cidadão.

Começam improvisação e pressões. Aquela enorme pista de concreto dando sopa em local nobre. Por que não emprestar para comércio? Lançamento de produtos, pistas de testes de marcas famosas ou maratonas irradiadas aos berros? Pode dar um dinheirinho. Um showzinho comemorativo da empresa A ou B? E por que não um megaevento publicitário ou um grande show para 100 mil pessoas? Há concreto para todos. Estacionamento não, mas e daí? Os bairros residenciais que rodeiam o parque estão cheios de casas e ruas tranqüilas, muito arborizadas, onde crianças cismam em andar de bicicleta e famílias ainda passeiam. Muita sombra para os guardadores de carros.

E, assim, o parque inacabado e concretado está se transformando no mais novo centro de picaretagens de todos os tipos. Um mar de ambulantes, pipoqueiros, vendedores de churrasquinho atravancam e sujam ruas e praças. Enormes equipamentos de som de milhares de quilowatts inundam com gritos e ruídos mais exóticos, já a partir dos testes de madrugada, os ouvidos e os dormitórios dos infelizes moradores. Virou estatística de comício. Sessenta ou 80 mil pessoas? Quem fatura com esse desrespeito imenso? Não há casas de espetáculo ou estádios de futebol para serem alugados? Os interesses comerciais mais uma vez esmagam os direitos do cidadão, sob o olhar no mínimo passivo das autoridades. Pobre Parque Villa-Lobos. O povo só queria muita árvore, ar puro e silêncio para seus filhos. Ganhou imensos programas de auditório, com gritos amplificadas a céu aberto. Que pena! Quem sabe alguém ainda possa nos salvar. Socorro, governador!

Gilberto Dupas é escritor, professor e ex-secretário de Agricultura e Abastecimento do governo Franco Montoro

Class.	Fonte	INSTITUTO
	SOCIOAMBIENTAL	Documentação
Data	6/12/09, Pg. 2, A	JF